

COMENTÁRIOS

A geografia e as civilizações. Os princípios do método geográfico *

Por *Pierre Gourou*
Prof. do Collège
du Francee

INTRODUÇÃO. A NATUREZA DA GEOGRAFIA

O estudo das relações entre o homem e o meio físico coloca-se no centro da geografia humana. Se é a geografia, essencialmente, descrição e explicação das paisagens — e temos aqui uma definição que me parece suficientemente ampla e precisa — não pode eximir-se de estudar os elementos físicos e humanos da paisagem nem de esforçar-se por determinar as relações que se estabelecem entre um e outro. Quer a geografia seja geral, quer regional, não pode nunca perder de vista as relações entre os elementos físicos e os humanos das paisagens. Até direi que essas relações devem entrar no primeiro plano do pensamento do geógrafo. Com efeito, é no estudo das relações que se manifesta a originalidade da geografia, pois sabemos que os elementos tomados à parte constituem objeto de múltiplas ciências que se bastam a si próprias e nada têm a ver com a geografia. Precisamos dessas ciências, que nos fornecem o conhecimento dos materiais físicos e humanos que nos são indispensáveis. Todavia, nossa personalidade e nossa razão de ser residem nas relações que percebemos entre êsses materiais. Se o fabricante de tijolos, o de cimento, o caieiro, o metalúrgico, o marceneiro são necessários ao arquiteto, a êste cabe estabelecer as malhas das relações, vale dizer a estrutura, de onde se originará a casa. Do mesmo modo, uma paisagem geográfica não se forma pela justaposição de elementos diversos; deriva antes sua existência da rede de relações que se estabelecem entre êsses elementos. Se me é permitida declaração tão ambiciosa, direi que os geógrafos somos essencialmente arquitetos, homens de síntese.

A geografia é, por conseguinte, essencialmente relações. Existe grande variedade de conjugados de relações: relações entre a morfologia e o clima, entre a morfologia e a estrutura, entre a morfologia e a história geológica, entre o clima e a vegetação, entre o clima e os solos, entre o clima e o meio biológico, relações, afinal de contas, entre o meio físico e o homem, entre os elementos físicos e os elementos humanos da paisagem.

O PROBLEMA DAS RELAÇÕES DA GEOGRAFIA FÍSICA COM A GEOGRAFIA HUMANA.

A essas relações é que tencionava consagrar hoje minha atenção pelo fato de que me parecem ser, dentre tôdas as relações geográficas, as mais sutis e as mais delicadas, como também por revestirem importância capital. Não digo tal coisa por um antropomorfismo inconsciente, senão porque é a expressão de meu convencimento. Nas paisagens que temos de estudar os elementos humanos são de interesse essencial, quer se trate de elementos visíveis como os campos, as estradas ou as casas, quer dos elementos não aparentes como a transformação da vegetação pretensamente natural, do meio biológico e dos solos. Estou em que a "geografia humana" não é um capítulo a acrescentar em continuação aos capítulos destinados à geografia física; acho que a geografia não é uma enciclopédia; não a concebo como um desses amontoados covalinos em que os "polipiers" se amalgamam simplesmente uns aos outros. No meu entender a geografia humana acha-se profundamente vinculada à geografia. E' fácil decidir do mérito de uma obra de geografia regional; se se compõe de uma sucessão de capítulos isolados, sendo cada elemento das paisagens tratado de per si, sem a preocupação dominante de estudar as relações dêste elemento com os demais, neste caso temos um bom, um excelente dicionário que seja, mas não uma obra geográfica; nada influi que eáda um dêsses capítulos seja tão bom como se fôra tratado pelo especialista mais competente.

* Conferência pronunciada no dia 13 de junho corrente na sede do Conselho Nacional de Geografia. Tradução do Sr. João Milanez da Cunha Lima, redator da Secção de Publicação do C.N.G.

OS PERCALÇOS DE UM DETERMINISMO SIMPLISTA

O problema das relações entre os elementos físicos e os elementos humanos das paisagens parece-me portanto revestir interesse capital para a geografia. Tal problema é de crer tenha sido geralmente mal colocado. Não será exagêro dizer que as tentativas feitas no decurso de séculos para explicar os elementos humanos das paisagens pelo meio físico, pela sua ação determinante, malograram de todo. A história da ciência geográfica acha-se, desde os pensadores gregos, referta de ensaios desastrosos feitos para explicar o homem e as manifestações de sua atividade pela ação simples e direta das condições físicas. Sem embargo dos reveses retumbantes de HIPÓCRATES, de MONTESQUIEU e de tantos outros conservamos integra dentro em nós a ilusão de que o meio físico determina o homem. Por um vézo natural da nossa inteligência aplicamo-nos em descobrir, entre os fatos físicos e os fatos humanos, relações de causa e efeito. Se não advertirmos bem, se nos deixarmos discorrer livremente sobre coisas de que não temos conhecimento seguro, facilmente cairemos no erro determinista e conviremos precipitadamente em estabelecer relações de causa e efeito que um exame mais aprofundado da realidade não permitiria sustentar. Em suma, a tendência do espírito humano é para a simplificação, para o estabelecimento de relações simples entre dois tēmos. Ora, a geografia não se compadece com tal simplicidade e as relações a descobrir são talvez, como veremos, relações entre três tēmos, ao menos, sendo um deles a civilização.

Os geógrafos defendem-se muito bem contra o excesso simplificador. Concorre a beneficiá-los dupla proteção; com efeito, por um lado constitui ser preocupação principal, estudar as relações que se estabeleceram entre os elementos da paisagem; sua cogitação sobre as aludidas relações figura no primeiro plano, é o primeiro movimento do seu pensamento. Os geógrafos mostram-se, portanto, profissionalmente desconfiados ao se lhes deparar uma relação simples de causa e efeito entre o físico e o humano. Por outro lado, a geografia geral é a consciência universal dos geógrafos. Tôda relação descoberta localmente e que se não repete alhures nas mesmas condições físicas no planeta, é recebida com suspeição. Sem embargo da dupla garantia do seu espírito crítico pessoal e da geografia geral, os geógrafos sucumbem, às vêzes, às vertiginosas delícias do determinismo. Li, recentemente, saído da pena de um geógrafo emérito, que o clima tornara os habitantes do Ceilão indolentes e que, graças a êste fato, podiam êles suportar pacientemente, horas a fio, as práticas dos religiosos budistas. Haveria, à conclusão, uma relação patente entre o clima do Ceilão e os ritos budistas.

Consoante o mesmo geógrafo, os senegaleses, por efeito do clima úmido e quente, cantariam e assobiarão pouco; ao passo que os climas secos compeliariam a cantar. Minhas primeiras impressões do Brasil não confirmam tal asserto; por outro lado, vim a saber que um governador americano da ilha de Guam, de clima quente e úmido, avisara-se de tomar uma ordenança para impedir seus administradores de assobiar, tanto lhe exasperavam suas incessantes modulações.

Se os geógrafos se deixam levar a tais descaminhos, que dizer dos não-geógrafos que, como leigos, tratam do problema das relações entre o físico e o humano? Lembra-me aquêlo geólogo que, após magnífica exposição da geologia da Bacia Parisiense, partindo da disposição das camadas geológicas, concluía pela necessidade da existência de Paris no exato local em que se ergue esta cidade. E que pensar dos políticos? Não se lê no *Jornal Político* de CIANO que MUSSOLINI projetava reflorestar os Apeninos no intuito de infundir espírito belicoso no povo italiano, o qual, na sua sabedoria, relutava em deixar-se arrastar pelas paixões guerreiras do fascismo? Com efeito, para MUSSOLINI, o reflorestamento dos Apeninos deveria produzir um clima mais frio, mais chuvoso, mais nevoso e, conseqüentemente, um povo mais combativo.

DA PRUDÊNCIA NECESSÁRIA AOS GEÓGRAFOS

Mas retornemos às coisas sérias. De modo geral, parece-me vão tentar explicar os elementos humanos da paisagem diretamente pelo meio físico. Mau método é êste, que não leva senão ao malôgro. Acima de tudo, nos resguardemos, como da peste, de pretender explicar o comportamento dos homens pelo meio físico. Deixemos os fisiologistas discutir a perder de vista, sem resultados certos, a influência exercida diretamente pelo calor e pela umidade sobre o organismo humano. Tais fatos são muito mesquinhos e outro tanto discutíveis para marcarem uma grande influência geográfica e que tenhamos de levar em conta.

Não sei se os climas quentes e úmidos deprimem os homens e se os climas frios lhes exaltam a vitalidade; pessoalmente, cederia à tendência de não acreditar no que não está provado, vale dizer, que me não parece tenha o clima tropical ação deprimente. O exemplo da atividade brasileira ajudar-me-ia a consolidar esta convicção. A influência direta do clima tropical sobre o homem é, em todo caso, de escassa importância ante os efeitos da insalubridade, da fragilidade dos solos, e das insuficiências das civilizações tropicais indígenas. Será um meio insular capaz de exercer ação sobre os homens? Talvez, mas contanto que se reconheça a extrema variedade da natureza desta ação. Isto porque há meios insulares em que se conservam formas arcaicas como a Sardenha e ilhas que, pelo contrário, estão abertas a todas as correntes, assim a antiga Delos. Haverá litorais "bons" e "maus". Nenhuma regra geral pode ser seguida neste particular. E que diferença existe entre a montanha utilizada pela civilização européia e a montanha desprezada pela civilização chinesa! Cada progresso do conhecimento restringe o domínio do determinismo legítimo. Durante muito tempo perfilhamos a crença de que as extensões de Loess da Europa Central haviam servido de vias de penetração na Europa das civilizações pré-históricas, porquanto este Loess era naturalmente descoberto; agora cumpre mudar a solfa, pois há grandes probabilidades de ter sido enflorestado; seu desbravamento foi muito provavelmente obra do homem. Os Vikings da Groenlândia não foram exterminados pelo clima, foram-no, isto sim, por sua civilização, que não lhes permitia levar uma existência isolada sob o clima groenlandês ao passo que os esquimós estavam afeitos a tal existência. Quanto às florestas, que ação exercerão sobre os homens? E' para estes tão fácil destruí-las! Ninguém aqui ignora o quanto é fácil para os homens, querendo-o e mediante uma dose modesta de senso de consequência, suprimir a floresta. Bem entendido, não venho vangloriar-me de haver descoberto estas verdades tristemente banais; há algumas décadas os geógrafos renunciaram ao determinismo diante dos desmentidos que a observação dos fatos lhes infligia.

O POSSIBILISMO

Existem, não obstante, relações entre o meio físico e os elementos humanos. Não me parece que o termo interdependência sirva para caracterizar plenamente a natureza dessas relações, dado o perigo que oferece de significar que os fatos físicos e humanos se encontram numa dependência natural, que a observação mal confirma. A denominação "possibilismo" também representa uma tentativa no sentido de definir a natureza das relações entre a geografia física e a humana. Os homens não exploram todas as possibilidades naturais; grupos humanos exploram certas possibilidades; outros grupos, colocados nas mesmas condições físicas, exploram outras possibilidades.

Expressa em termos que tais a noção de possibilismo concorda com o real. E' certo que todos os grupos humanos não exploram do mesmo modo as possibilidades naturais. Mas até aí temos uma verificação e não uma explicação.

As dificuldades da explicação geográfica ressaltam logo, à primeira vista, como consideráveis. Todavia, os obstáculos se prendem na realidade ao fato de ser o problema, frequentemente, mal colocado. Por que os países quentes e chuvosos geralmente se acham muito pouco povoados ao passo que a Ásia Meridional contém populações pululantes? O meio físico natural não nos pode oferecer explicação satisfatória. Por outra parte não nos será de melhor préstimo o possibilismo, visto como o que extrema os países pouco povoados das regiões de população densa, é uma diferença de intensidade das técnicas e não de escolhas diferentes entre possibilidades naturais.

A VERDADEIRA NATUREZA DA EXPLICAÇÃO GEOGRÁFICA; A RECORRÊNCIA AS CIVILIZAÇÕES

Eis-me destarte chegado ao meu tema essencial: a explicação geográfica não deve consistir na relação entre dois termos armada — um constituído pelos elementos físicos e outro pelos elementos humanos — mas deve procurar-se no confronto de três categorias de dados que são os elementos físicos, a civilização, e os elementos humanos. "Por civilização" entendo unicamente o que é diretamente útil ao geógrafo, isto é, de início, as técnicas de exploração da natureza, técnicas agrícolas e técnicas industriais e, em seguida, a maior ou menor aptidão para a organização do espaço. Os elementos humanos da paisagem não podem ser explicados sem se levar em conta as técnicas mais ou menos variadas e mais ou menos aperfeiçoadas; por outro lado não serão os mesmos no caso de uma civilização que não tenha elevado sua capacidade orga-

nizadora acima do território dum vilarejo e no caso duma civilização criadora de um império.

Certamente há outros capítulos na civilização mas nos limitamos ao que se mostra mais diretamente útil à geografia. Será vão querer explicar a civilização, quer emprestemos à palavra acepção larga ou restrita pela ação do quadro físico, fixado em nossas pesquisas regionais. É impossível dar-se conta da civilização que reina numa região pela influência da geografia física desta região.

A civilização é o produto de muitas trocas resultantes dos deslocamentos dos povos ou dos contágios de pensamento e técnicas, é o produto de muito processo de psicologia individual e coletiva para que seja lícito fazê-la derivar do meio físico local. O geógrafo considerará, portanto, a civilização como fator de explicação, como um dado exterior a seu próprio domínio de pesquisas. Ele a tornará como é, sem se importar de explicá-la pelo quadro físico onde provisoriamente se exerce.

O homem utiliza, portanto, o meio físico mas por intermédio de uma certa civilização. Os elementos físicos exercem inegavelmente uma ação sobre os elementos humanos, mas essa se cõa através dos prismas deformados da civilização. Esta é a chave que abre ao homem certas possibilidades, mas que pode perfeitamente ser incapaz de dar-lhe acesso a outras possibilidades. Que uma civilização se substitua por outra e o mesmo quadro físico ostentará uma geografia humana diferente.

Uma civilização coloca assim entre as mãos dos homens técnicas que permitem explorar somente certas possibilidades naturais e explorá-las de uma certa forma. Uma civilização pressupõe, portanto, escolha entre possibilidades naturais. Nota-se bem, não damos a esta palavra "escolha" o sentido de uma ação consciente e voluntária, mas simplesmente valor de indeterminação original. Todavia a escolha feita por uma civilização pode acarretar conseqüências lógicas capazes de impedir uma civilização de desviar-se da vida adotada! Pode existir um verdadeiro determinismo de civilização que oriente para um mesmo resultado humano as possibilidades diversas de meios físicos diferentes.

Vã por conseguinte, é a tarefa de pretender explicar diretamente os elementos humanos pelos elementos físicos da paisagem.

Não monta a menos para a geografia humana a necessidade de permanecer estreitamente ligada à geografia física, que só ela permite conhecer os quadros em que se exerceu tal qual civilização. O meio físico atua sobre o homem, mas, enquanto são infrutíferas as tentativas de ligação direta entre o quadro físico e os fatos humanos, fazendo medear entre eles a civilização capacitamo-nos a definir com propriedade a natureza das relações entre os elementos humanos e os físicos. Não somos dos que rebaixam a ação do meio físico e demos a este lugar relevante na explicação da geografia geral dos países tropicais; sublinhamos o papel imenso que se deve atribuir à insalubridade e à má qualidade dos solos; mas este mesmo fato nos demonstrou que, num quadro físico tão caracterizado, técnicas diferentes se resolviam em paisagens humanas opostas, tão opostas como as solidões da bacia congoleza ou amazônica e as planícies pululantes de Java ou de Bengala.

A CIVILIZAÇÃO CHINESA, CIVILIZAÇÃO DO VEGETAL

Desejaria agora ilustrar essas considerações um pouco teóricas com o exemplo da "civilização do vegetal", como existe no Extremo Oriente e, de modo muito particular, na China. Sendo-me o tempo estritamente apurado, tratarei a questão apenas em suas linhas mestras. A civilização chinesa caracteriza bem uma "civilização do vegetal"; a vida material da China repousa na utilização dos recursos do mundo vegetal, ao passo que os recursos animais e minerais são desprezados. Demonstram-no, de maneira rigorosa, a alimentação, o trabalho de instrumentos, e a habilitação. Os chineses são vegetarianos; 9 890 de suas calorias alimentares provêm de produtos vegetais. Bem entendido, os cereais e os tubérculos fornecem os hidratos de carbono; mas o reino vegetal ministra também quase tôdas as proteínas e quase tôdas as matérias gordurosas. Os campônios chineses não comem nunca queijo, manteiga, ou leite; raramente comem carne e, ao contrário de uma lenda habitualmente difundida consomem pouco peixe. De passagem, notemos que a carência de proteínas animais não parece afetar o vigor do povo chinês.

A criação é, portanto, pouco desenvolvida. Os camponeses possuem os bois ou os búfalos estritamente necessários à lavoura e à gradadura, não lhes cobrando, porém, muita ajuda além dessas vultosas tarefas. Esses animais não trabalham mais de uns cinqüenta dias por ano. É habitual ver-se ao sul e ao centro da China os búfalos espojarem-se nos charcos enquanto os homens se afadigam a transportar pesadas cargas. Não faltam, aliás, vilarejos que

não possuem bois nem búfalos e onde a faina agrícola se faz inteiramente a mão, sem nenhuma participação animal.

Alimentação vegetariana, trabalho agrícola a braço isto faz parte dum complexo de civilização. Os chineses vestem-se de tecidos vegetais, mormente de algodão, não obstante o rigor dos invernos; utilizam uma capa de chuva feita de folhas imbricadas ou de palha. A casa chinesa é construída essencialmente de materiais vegetais. A armação é constituída de colunas de madeira que suportam um vigamento também de madeira. Tais elementos são ligados uns aos outros por meio de encaixes, cavilhas, ao invés de o serem por pregos e parafusos. As paredes não são senão uma tapagem e seu material não tem importância, pois não participam da estrutura do edifício. Os utensílios chineses são feitos principalmente de materiais vegetais, tendo lugar preponderante os instrumentos de bambu.

CIVILIZAÇÃO E GEOGRAFIA HUMANA DA CHINA

Os traços principais da Geografia Humana da China são a densidade fortíssima da população rural e a concentração desta população nas planícies aluviais e nos vales. Enquanto nas planícies aluviais a densidade da população rural excede não raro 500 habitantes por quilômetro quadrado, passa esta a ser muito parca nas regiões de montanhas e colinas.

Existe um liame entre a "civilização do vegetal" e a geografia humana da China? Evidentemente que sim. Só a civilização vegetal nos permite compreender: 1.º) por que os prados são raros na China e por que as montanhas são mal utilizadas, visto como a exploração pastoril que aí encontraria lugar próprio não é praticada e 2.º) por que a densidade rural pode ser tão importante nas planícies. Com efeito, graças a uma alimentação vegetariana os campônios chineses podem tirar a subsistência de suas terras exíguas. Cultivado com cereais diretamente consumidos pelo homem, um hectare produz pelo menos cinco vezes mais calorías alimentares do que sendo convertido em campo de pasto para um rebanho que dá aos homens sua carne e seu leite. A vantagem da alimentação vegetariana subsiste se o grão colhido é utilizado para a sustentação do gado. As massas rurais chinesas não teriam proliferado tanto se dessem uma larga margem aos alimentos de origem animal. Observamos, por outro lado, que a agricultura a braço suscita fortes densidades rurais.

Duas questões, todavia, se colocam neste ponto: não foi o meio físico que obrigou os chineses a adotarem uma civilização do vegetal? Por outro lado, não se viram estes compelidos a adotar uma alimentação vegetariana justamente por serem muito numerosos? Essas questões devem ser aventadas mas é felizmente fácil achar-lhes resposta. Em primeiro lugar, é bastante observar que nada mais se assemelha à China do que o centro e o leste dos Estados Unidos; são frisantes as afinidades dos climas chineses e dos desta parte da América.

Isto se estampa nas vegetações dos dois países: o leste dos Estados Unidos e a China são assinalados pelo grande número de suas espécies arborescentes e pelo aspecto luxuriante, quase tropical de suas florestas. Não há mister de insistir sobre as diferenças que existem entre a geografia humana da China e dos Estados Unidos. Isto não quer dizer, bem entendido, que não devemos estudar atentamente a geografia física da China mas nos devemos compenetrar da idéia de que, se nos cumpre saber tudo que fôr possível sobre a base física da China, não devemos entretanto acreditar que o meio físico explique a originalidade geográfica chinesa.

A segunda questão é ainda mais fácil responder. Com efeito não há dificuldade em demonstrar que não foi pelo fato de, se muito numerosos e em terras demasiado exíguas que os chineses adotaram uma alimentação vegetariana. Já a civilização neolítica chinesa era agrícola e tão pouco pastoril quanto possível.

Mas, sobretudo, existem ainda nas costas sub-orientais da China populações que nos fornecem provas decisivas. Tais populações são parentes retardados do povo chinês; pouco densas, nada, por conseguinte, as impedia de praticar a criação do gado graúdo e de nutrir-se de alimentos animais. Não obstante, tornaram-se de todo em todo agrícolas e têm um passado vegetariano. É prova provada que na China o fato civilização precedeu o fato demográfico.

A AÇÃO GEOGRÁFICA DA CIVILIZAÇÃO

Os chineses são, portanto, vegetarianos por opção original de sua civilização e não por necessidade física ou econômica. Mas é preciso ver que a aplicação lógica e rigorosa dos dados desta civilização os conduziu a uma situação irreversível; seis, oito ou dez campônios podem lograr a subsistência num hectare; a partir de quando atingem tais densidades, é-lhes vedado modificar a alimen-

tação e a maneira de viver. Vêem-se, assim, por um verdadeiro determinismo de civilização, forçados a perseverar na via que êste lhes traçou.

Como todos os grandes complexos de explicação geográfica, a "civilização do vegetal" de tipo chinês exerce sua ação na paisagem em condições físicas variadas. Atinge resultados semelhantes em meios físicos diferentes, por isso que deriva no sentido que lhe são próprias as virtualidades dêsses diversos meios. Exemplificativamente, a civilização chinesa foi ensinada do povo anamita por uma ocupação de dez séculos; a geografia humana dos países anamitas assumiu um caráter semelhante às das regiões chinesas. As planícies aluviais têm uma população rural muito densa, em meio a montanhas inexploradas e quase desertas. Esta paisagem foi realizada não mais num clima temperado continental de monções, e sim num clima muito quente e muito chuvoso. Se me posso valer desta expressão, a civilização chinesa tirou o melhor partido das condições locais para chegar a seus fins; por exemplo, explorou o contraste que se estabeleceu entre a insalubridade malárica das montanhas e a relativa salubridade das planícies para atingir um contraste ainda mais marcado que na China entre o pululamento das planícies e a solidão das montanhas. Graças à civilização das montanhas. Graças à civilização, causas diferentes produziram os mesmos efeitos.

CONCLUSÃO

O que dissemos da civilização do vegetal aplica-se, com as modificações necessárias, às outras civilizações. Falece-me tempo para entrar em minudências; contentar-me-ei, portanto, com lembrar-vos de um fato que todos sabeis e é o de quanto a paisagem das regiões pioneiras depende da "civilização" dos pioneiros, isto é, de suas técnicas de exploração da natureza. Sabemos, por exemplo, que os canadenses de origem francesa e os de origem anglo-saxã não conhecem os mesmos limites para seus empreendimentos pioneiros, tendo os primeiros menos exigências que os segundos; e sabemos que não engendram a mesma paisagem. Não ignoramos o quanto são importantes êsses fatores de civilização para explicar a geografia humana do Brasil, quer se trate das "civilizações" de importação recente, quer da civilização luso-brasileira, ou dos complexos nascidos da interação dessas civilizações.

Não tenho ilusões sobre a novidade do que vos acabo de expor; todos nós, geógrafos, já teremos chegado a conclusões semelhantes. Dar-me-ei por satisfeito se pude atrair-vos a atenção, mais particularmente, sobre a verdadeira natureza da explicação geográfica total das paisagens, isto é, sobre a necessidade que se nos impõe de reconhecer nela a parte decisiva desempenhada, entre o meio físico e os elementos humanos, pela civilização. Permitir-me-ei lembrar-vos, para concluir, a importância prática dessas considerações. Verificamos grandes desigualdades de níveis de vida no mundo; por tal entendo grandes desigualdades "geográficas", que extremam regiões de baixo nível de vida e regiões de nível de vida elevado. Se quisermos um mundo verdadeiramente unido, importa que essas diferenças se atenuem até desaparecer e, por demais, graças a um nivelamento do alto. Nada de decisivo, porém, poderá ser realizado se não vemos claramente que essas diferenças procedem antes de tudo da civilização e que a responsabilidade do meio físico não é senão uma responsabilidade de segundo plano. E' por conseguinte sobre êsse plano da civilização que deve recair o esforço dos homens de boa vontade. E aqui temos, em suma, uma constatação bastante consoladora.